

CINEMA: primeiro longa-metragem do Brasil foi rodado em Campinas.
 Correio Popular, Campinas, 26 set. 1971.

Cinema: Primeiro longa-metragem do Brasil foi rodado em Campinas

"Grandiosa produção nacional da Phenix-Film que vem inaugurar brilhantemente a cinematographia do nosso Paiz. O unico "film" nacional que recebeu da Imprensa Brasileira os maiores elogios não só pela sua confecção artística, como pela beleza do assumpto que é todo nosso, todo brasileiro, e fala comovidamente aos nossos corações."

Este é o texto inicial do cartaz de propaganda da película cinematográfica "João da Matta", ao que tudo indica o primeiro filme nacional de longa-metragem (1 hora e 40 minutos de projeção). E o que pouca gente sabe é que esse filme foi inteiramente produzido e rodado em Campinas.

Segundo consta, o primeiro registro cinematográfico acontecido no Brasil foi realizado pelo francês Alfonso Segreto, em 19 de junho de 1898 (conforme a Enciclopédia Delta Larousse, vol. 3, pg. 1670).

Entre 1908 e 1912-1913, muitos filmes foram rodados no Brasil, mas todos eles de curta duração, não passando de um ou dois rolos. A mesma Enciclopédia Delta Larousse, ao discorrer sobre a história do cinema brasileiro, não cita "João da Matta" como nosso primeiro longa-metragem, apesar de fazer referência a Amilar Alves — realizador do filme pioneiro: "Nas tentativas de cinema de enredo, considerando-se as dificuldades trazidas pelo aumento da metragem dos filmes e pelo crescente controle que as distribuidoras estrangeiras exerciam sobre o mercado brasileiro, deveras notáveis foram os esforços de Amilar Alves..."

Para fornecer melhores subsídios à História do Cinema Brasileiro, a reportagem do CORREIO POPULAR ouviu os depoimentos de Alfredo Roberto Alves, filho de Amilar, e Thomaz Miguel di Tullio, cinegrafista e iluminador de "João da Matta".

RODADO EM 1922

"João da Matta" foi rodado no ano de 1922, baseado na obra do mesmo título, também de autoria de Amilar Alves, que dirigiu o filme. Com essa obra — drama típico sertanejo — Amilar figura com destaque em concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras, pois era escritor e homem dedicado a letras, teatro e cinema.

Thoma di Tullio — mais conhecido nos meios cinematográficos como "Mazzo" — foi o cinegrafista, iluminador e laboratorista do filme. A produtora campineira era a Phenix-Film.

Uma das características mais importantes deste levan-

tamento histórico é a efetiva documentação que se possui, pois, ao contrario dos demais filmes da época e mesmo posteriores, importantes trechos de "João da Matta" ainda estão conservados. Referindo-se aos primeiros filmes brasileiros, diz a Delta: "Infelizmente, perdeu-se praticamente tudo o que foi filmado".

— Por sorte, ainda podemos apreciar boas cenas de "João da Matta", salvadas do incêndio que se alastrou no arquivo da Cinemateca de São Paulo, há algum tempo atrás. Essa unica cópia existente fora doada à Cinemateca, em 16 mm., diz Alfredo Roberto Alves, filho do cineasta pioneiro.

Angelo Fortes era o artista principal — o galã — e, segundo o cartaz de propaganda, Angelo era o "William Farnum brasileiro, cognominação dada pelo "Correio da Manhã".

Reproduzindo um comentário do jornal O Estado de S. Paulo, da edição do dia 20 de dezembro de 1923, diz o texto publicitário: "Além da fita "As 3 balas", constou do programa a exibição da denominada "João da Matta", produção de Phenix-Film de Campinas, em que foi aproveitado o enredo do romance de igual título, do escritor paulista Amilar Alves".

Além de diretor, Amilar também produziu o filme, juntamente com José Ziggianti, Francisco Casteli e Vitorino de Oliveira Prata, sendo de oito contos o custo total da produção, dividido em parcelas iguais.

A atriz principal da película foi Carlota Richerme, enquanto que o violão foi interpretado pelo ator José Rodrigues.

A LUTA

— Dos fragmentos que ainda restam de "João da Matta" — aproximadamente meia hora de projeção — temos uma das cenas mais bem elaboradas, que é a luta entre o herói João da Matta e o vilão, que morre ao final, conta o cinegrafista Thomaz Miguel di Tullio, que utilizou uma câmera Pathé para as filmagens.

Referindo-se a esta mesma cena, Alfredo Roberto Alves diz que seu pai a imaginara com especial carinho, tornando-se motivo de grande preocupação "e não se satisfiz enquanto não conseguiu filmar o que desejava", concluiu Alfredo.

Pelos documentos que ainda se podem exibir — significativos trechos do filme, cartazes publicitários e comentários jornalísticos da época — tudo nos leva a crer que

o filme campineiro "João da Matta" foi a primeira película cinematográfica brasileira de longa-metragem, tendo como enredo uma obra literária.

CICLO PIONEIRO

"João da Matta" iniciou o que poderíamos denominar de "Ciclo Campineiro" na história cinematográfica do país. A seguir, tivemos a APA Filmes, outra produtora campineira, que realizou "Sofrer para Gozar", o segundo filme da série, que então se iniciava. Era, também, um longa-metragem, tipo faroeste, ambientado em nosso meio rural. Uma outra característica que merece desta que é o uso da iluminação artificial, que então era feito pela primeira vez no Brasil. E, mais uma vez, "Mazzo" ou Thomaz Miguel di Tullio era o iluminador, além de cinegrafista e laboratorista. Tomaz iria acompanhar a realização de todas essas obras do chamado "período heróico" de nossa cinematografia.

Para rodar esse filme, a APA utilizou-se de estúdios que eram situados à rua Dr. Ricardo. O laboratório era instalado em prédio (que ainda existe sito à rua esquina da rua José Paulino, com Av. Moraes Salles).

Os intérpretes principais de "Sofrer para Gozar" foram Ricardo Zaranini (pai de Carlos Zara) e Vicentina Richerme (irmã de Carlota, atriz de "João da Matta"). Os exteriores foram rodados em Helvécia, sob a direção de Eugênio C. Carrigan.

Carrigan era o pseudônimo que o italiano Eugênio Centenaro adotara na apresentação de suas películas.

FIM DO CICLO

Os dois últimos filmes do ciclo, que se encerrou em 1925, foram "A Mocidade Louca" e "A Alma Gentil" o primeiro dirigido pelo mesmo Felipe Ricci.

Antonio Dardes Neto, que exercia a profissão de barbeiro, dirigiu e foi produtor, juntamente com Aladino Selmi, de "A Alma Gentil". Com este filme, Thomaz Miguel di Tullio encerrou suas atividades em Campinas, pois fora contratado para trabalhar numa produtora cinematográfica do Rio Grande do Sul, a chamado de Eugênio C. Carrigan, que lá se estabelecera.

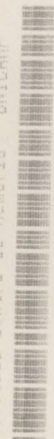
Já em tempos mais recentes, por volta de 1950, Alfredo Roberto Alves, seguindo dos mesmos passos do pai, realizara "Os Falsários", o primeiro filme sonoro feito em Campinas e inteiramente dublado, mediante complexo sistema. Outro importante filme dirigido por Alfredo foi "Fernão Dias", realizado na Vera Cruz.

"A CARNE", O TERCEIRO FILME

Baseado no discutido romance de Júlio Ribeiro, o terceiro filme do ciclo foi "A Carne", dirigido por Felipe Ricci, que fora assistente de direção em "João da Matta".

"A Carne" — longa-metragem, como todos os filmes do ciclo foi realizado com mais recursos e em melhores estúdios, situados à rua General Osório, quase esquina com Visconde do Rio Branco. Nessa realização, cameras mais modernas e filmagens exteriores noturnas foram as principais características da película.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029719



Thomaz Miguel di Tullio, cinegrafista, e Alfredo Roberto Alves, filho do realizador da película pioneira, ao falarem à reportagem do CORREIO POPULAR.



Este é o cartaz de propaganda que anunciava as críticas elogiosas ao filme "João da Mattia", dos jornais do Rio e de São Paulo.